



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. - Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Schumann. — Noticiário. — Necrologia.

Schumann

Algumas palavras apenas...

(Continuação)

Confundindo-se os elementos, não por surgirem com o mesmo poder na sua totalidade, mas por surgirem esbatidos, vagificados, essa confusão, exclusiva quando não excessiva, estende-os no espaço tornando-os ainda mais impessoaes do que eram no tempo em que a personalidade em que os elementos surgiam sucessivamente, não era absolutamente uma, duma unidade inextensa espacial e temporalmente. Estendidos no espaço, é claro, não surgem tão evidentemente como no tempo, reconhece-se evidentemente uma vagificação grande, eles esbatem-se pois, continuam-se não em absoluto mas no espaço que os confunde assim nubelosamente. Se a vagificação ainda aumenta os elementos menos se distinguem até que o proprio espaço desaparece, desaparecendo tudo, o que se dá quando julgamos os elementos fora do nosso horizonte sensacional, fora da nossa sensibilidade. Mas na rialidade, continuando-se tudo no Universo, todo ele se funde em cada elemento, em cada monade, se funde pois, em cada um de nós! Porque existe uma apparencia distinta da rialidade não o digo aqui pois isto levava-me muito longe mas no meu estudo intitulado «La raison et l'esprit» eu vos explicarei essa aparente anomalia. Por agora, apenas muito sucintamente, direi que as vagificações do Espirito surgem numa grande irregularidade, que umas vagificações maiores surgem ao lado doutras menores, que elas se combinam das fórmias mais variadas e variaveis, provocando tudo isto a complexidade

inorme de fenomenos diversos. Muitas vezes surgem, e nas maiores vagificações, distinções fortes que parecem contradizer o que eu disse mas os elementos, os objetos, os fenomenos que assim se distinguem fortemente nada mais são do que agregados complicadissimos dos elementos verdadeiros da Existencia que nos passam continuamente e quasi por completo desaperebidos, confundindo-se em massas geraes que não deixam vêr a sua essencia que só o nosso pensamento, a razão, e por fim a essencia propria do nosso ser que é a essencia de tudo, o Espirito, que emfim o nosso eu pode atingir. Só o Espirito que enche a nossa monade que o numero infinito de monades encerra, que tudo contém, só ele atinge o Espirito em seus elementos convulsivos, em suas convulsões infinitas!...

Mas como o Espirito, que todo está em nós, é a essencia, a natureza propria de tudo, como só ele existe numa consubstanciação suprema, não ha espaço, não ha tempo, não ha exterior, não ha fenomenos fisicos, ha só fenomenos espirituais, mais do que isso, que os fenomenos supõem em grande parte o tempo, ha só o Espirito com todas as suas iternas noménes em convulsões infinitas, numa iterna ancia, numa vertigem iterna!

Comtudo como hoje vivemos da apparencia, e como a apparencia nos leva a ficticiamente distinguir quasi sempre dos fenomenos claramente pessoaes, psicologicos, os fenomenos fisicos que exteriorisados, são um produto evidente da divisão ficticia de nossa personalidade, nós não devemos generalisar a eles todas as condições que se dão nos fenomenos propriamente, evidentemente psicologicos, pois essa generalisação não permitiria a distincção ficticia, ainda hoje muitas vezes necessaria á nossa ficticia inferioridade. Assim, quando notarmos no ficticio exterior uma atividade um tanto con-

tinuada não devemos dizer que ela é divagativa pois isso faria descer o espirito divagativo que só se mostra nobre quando aplicado ao que é um tanto profundo, claramente pessoal, emfim á atividade mental do homem e particularmente ao pensamento, mas até mesmo aos átos que aliás pouco divagativos se pódem mostrar—quando ás ideias surgem um tanto continuadas espontaneamente. Essa divagação torna-se absoluta, pura, quando é todo o Espirito em sua vertigem, não existindo nele ideias, em cada uma das quaes se encontrem mónades, elementos espirituais confundidos, numa já vaga extensão, impresentiveis, mas existindo as mónades em sua vertiginosa áktividade, inespacial e intemporal, atividade transcendente, absolutamente inextensa. Quando as mónades constituidoras da nossa mónade, surgem aparentemente vagificadas em ideias, a divagação, quando existe, não é verdadeiramente pura, é maior ou menor, pode mesmo chegar mais ou menos a ser unificada, mas nunca é absoluta!

Toda a divagação tem qualquer coisa de espiritual, disse eu; quando não é pura, absoluta, quando não é todo o Espirito, quando não se torna transcendente, quando não transcende do tempo mas só em grande parte do espaço, quando não é infinita, quando não exprime a continuidade absoluta na complexidade, a continuidade absoluta de mónades que assim em absoluto se confundem ou antes que se distinguem apenas no mundo transcendental em que até possuem uma existência absoluta, em que são personalidades verdadeiras que como absolutas, sendo cada uma o absoluto, tudo, como tendo o poder absoluto, a inergia infinita, todas se encerram em cada uma que só é assim tudo, o Absoluto, o Infinito, quando pois, a divagação não é puramente espiritual, transcendente, quando não é toda a Vertigem Transcendental, toda a Anicia, o Espirito, é que ela surge então mais, ou menos pastosa, não absolutamente livre, espontanea! Portanto parece rialmente que os mais espiritualistas deviam ser os mais claramente divagativos. Mas precisamos notar que as divagações que eles podessem mostrar nas suas obras. exteriorisações da sua alma, não seriam nunca a divagação pura ou quasi pura do seu espirito que exteriorizando-se materialisa-se, *idealisa-se* ao menos. E digo quasi pura pois se rialmente fosse absolutamente pura não teria a faculdade um tanto material de se exteriorisar e é por isso que Schumann mais espiritual do que Freitas Brancose exteriorisa pior. Devemos notar, disse eu, que as divagações das obras não eram todo o Espirito e rialmente sendo uma vagificação mais ou menos forçada do Espirito é necessário para ela se dar que se possua a

faculdade vagificadora que é claro em grande parte depende da intensidade de espiritualismo.

No espirito dos artistas mais ou menos transcendentaes ha quasi a divagação pura mas como pura, puramente espiritual e eles para a exprimirem em obras. para a exteriorisarem tem de mais ou menos a tornar ideológica o que os mais espiritualistas difficilmente conseguem. Com o esforço que empregam, por vezes as ideias surgem então muito caoticamente, neste cáos em que é claro, pouca logica ha, não ha encadeamento de ideias que só se dá numa logica inorme, as ideias surgem pois destacadas e possuidoras de relações remotas, não proximas e é isto que se dá sobretudo nas obras dos alemães. Eles possuem uma grande necessidade de se exteriorisar, de exprimir o turbilhão profundo do seu espirito e a complexidade própria dele surge no dominio da Ideia muito caoticamente. E veja-se Leibniz, e veja-se Schumann! Pertencem rialmente estes genios extraordinarios á Saxonia cujo povo se não pela sua situação, com certezaa pela sua origem, é o mais nordico da Alemanha. Na Scandinavia isto não é tão evidente e por um de dois motivos. Aqueles a que as necessidades materiaes mais apertaram pela situação climaterica em vez de dirigirem o seu espirito acentuadamente individualista, particularista num sentido bem espiritual exteriorisaram-no, materialisaram-no pela educação que as condições de vida lhes deram e assim se formou o espirito pratico, material que todos julgam muito proprio dos nórdicos e que na rialidade só se desenvolveu muito nas ilhas Britanicas. E mesmo ali onde domina o empirismo ha ainda caracteres então verdadeiramente nordicos, caracteres nobres, com tendencia espiritualista, fundo dêsse empirismo que por eles é dirigido. Os francezes que parecem menos empiricos do que os inglezes são com certeza mais materiaes. O materialismo enche toda a sua alma enquanto que nos inglezes ele que em certos atos e pensamentos se parece acentuar mais, é mais restrito, applica-se num dominio muito menor. O Espirito é bem o fundo do povo inglez que tendo a pouco e pouco, muito lentamente de o vagificar, o vagificou com bastante ordem, tanto mais que tinha de o materialisar não para o exprimir o que o faria cair nas dificuldades alemãs, mas em fenomenos bem claramente materiaes que mais do que em qualquer outro povo se tornaram mais cuidados por necessidade e como mais cuidados, mais perfeitamente tratados. Em tudo que seja pratico quer no dominio da ação como do pensamento, os inglezes são superiores a outros povos visto a necessidade os ter educado para isso mas como o que se considera pratico não preenche necessariamente a vida de nenhum homem, como é uma parte relativa-

mente insignificante da nossa vida mesmo atual e que não impressiona profundamente a ponto de tornar toda a alma bem material, plebléa, os ingleses que nos seus antepassados se espiritualisaram mais do que os outros povos, que não levaram uma vida toda de matéria que foi material apenas no stritamente necessario, no dominio pratico, os ingleses que mais do que os francezes que não só são materiaes no dominio práctico mas também em quasi toda a sua atividade apenas agora ligeiramente espiritualisada, os ingleses que mais do que eles espiritualisaram assim, a sua alma, sem dúvida conservaram a nobreza do Espirito que adiante hei-de acentuar e que enche todo o caráter saxonico.

O espirito práctico que obrigou bastante os povos oriundos da Scandinavia não era a exteriorisação do Espirito com um interesse espiritual, a divagação pura não procurou nele exteriorisar-se para mostrar materialmente o seu poder, a sua vertigem que assim seria presentida; os povos movidos por esse espirito práctico não procuravam com êle acentuar a vertigem do Espirito, o seu fim a que as necessidades materiaes obrigaram, era bem mais modesto e por isso, não tendo por esse lado as dificuldades alemãs podiam criar uma alma prática bem ordenada. Quando a necessidade material obriga muito, ela *que é hoje* o fundamento, os alicerces da vida humana, éla torna-se tão dominadora que faz esquecer todos os interesses do Espirito nos momentos em que ela mais nos aperta e portanto apesar de nunca encher toda a vida a ponto de materialisar completamente a nossa alma, nesses momentos impõe-se e mesmo que não leve, por não ser excessiva, mesmo nesses momentos, a indignidades, a vilezas, e decerto a verdadeiras baixezas em que toda a alma, um momento embora, delas completamente se enchesse — e a essa de certo jámais levou os povos nordicos — mesmo que não leve pois, a uma verdadeira indignidade, uma indignidade arrancada, por assim dizer, de toda a alma uma indignidade bem animal, mesmo que a isso não leve, essa necessidade enche a vida um momento, nesse momento todo o Espirito esquecemos, ele como que momentaneamente desaparece ou pelo menos se esbate muito, conservando-se apenas como guarda, e então podem as atenções convergir para o dominio práctico sem dificuldades e neste pode um espiritualista mostrar-se superior, cheio de senso, sobretudo quando lentamente a hereditariedade e depois uma forte educação, sequencia da hereditariedade, fortemente o preparou. Alem disso, os espiritualistas verdadeiros como são os povos mais nordicos, não são vivamente impressionados pela matéria, são-lhe indiferentes, não sofrem com ela

e por isso, assim sem sofrimento, podem viver nela quando a necessidade os obriga.

Mas esses povos nordicos a par dos interesses estritamente materiaes não podiam ter outro semiespiritual, o dos alemães, o interesse em exprimir mais ou menos materialmente as convulsões do Espirito, interesse que os levaria ao cáos do pensamento alemão? Não, de modo algum, pois os povos mais nordicos são muito mais espirituaes do que os alemães, não sentem tanto a necessidade de mais ou menos materialisar todas as convulsões do Espirito! Portanto quando exprimem em obras, e raras vezes assim o exprimem, quando exprimem, digo, o Espirito, não o procuram salientar em toda a sua vertigem, fazem-no antes presentir do que acentuar. E por isso os seus pensamentos, toda a sua atividade psicologica (psicologica, não, espiritual) toda ela é empedernida, dogmatica, lenta e possui como a dos alemães o destáque de fenómenos psicologicos que porem, pela menor necessidade de acentuarem a vertigem do Espirito, sendo pois, em menor numero, não surgem tão caóticamente. Sendo os povos da Scandinavia acentuadamente espiritualistas, não vivem tanto como os outros povos da atividade propriamente psicologica mas antes da ultra-psicologica, transcendente e sendo assim, não sendo os seus fenómenos psicologicos tão atendidos, eles manifestam-se com dificuldade, sem plasticidade nenhuma e mesmo que com menos cáos do que os dos alemães, sem duvida um tanto illogicamente, criando preconceitos contraditorios entre si e com conceitos mais ou menos racionalmente emitidos pelo pensamento. Os alemães apresentam uma atividade psicologica pastosa não só pela grande complexidade dela que por si só cria grandes dificuldades mas também por serem um tanto espiritualistas um tanto inadaptaveis a fenómenos psicologicos, a fenómenos humanos. Os scandinavos que não sentem a necessidade duma tão complexa atividade psicologica, acentuam mais do que os alemães este ultimo motivo da atividade pastosa e cheia de destaques bem acentuados. Não é só o Espirito bastante acentuado nos povos mais nordicos que, não se adaptando facilmente a uma atividade psicologica, provoca nêles essa imperfeição psicologica. também a igualmente dominante atividade prática por sua própria natureza, lenta e dividida em elementos bem destacados, influe em toda a alma psicologica dos povos nordicos, mas a tendencia espiritualista dêles é que sobre tudo ou pelo menos em grande parte provoca a imperfeição psicologica de tais povos.

Do norte vieram, porém, uns povos que meridionalisando-se um pouco, aquecendo o seu espirito puderam exteriorisar melhor a

vertigem espiritual e constituíram esses povos, uma grande parte dos portugueses. Na sua maior parte, a *élite* nordica portuguesa idealizou bastante o seu espiritualismo que assim muito se humanizou e nessa idealização mais fácil do que a bem forçada dos alemães, a grande vertigem do Espírito pode, também em grande parte com o auxílio do mar que tanto influe numa imaginação livre, pode, digo, exprimir-se melhor numa tendencia divagativa que nenhum outro povo tão acentuadamente possui! Sim, em grande parte o espírito nordico superficializou-se em Portugal sem, porém, perder a sua nobreza individualista, tornou-se num idealismo vertiginoso, mas pode assim exprimir melhor a sua natureza aos homens, a sua natureza divagativa que nos alemães, nos scandinavos e nos ingleses já mais se poderia reconhecer. E por ventura em todo o elemento nordico portuguez se deu uma evidente superficialização? De modo algum! Antéro, Columbano, Freitas Branco, Teixeira de Pascoaes, Eugenio de Castro, Junqueiro e Mario Pacheco provam bem, uns melhor, outros pior, que nem todo esse elementos e superficializou. Ha uma evidente superficialização em Gil Vicente, em Bernardim Ribeiro, em Camilo, no jovem poeta João de Barros, em Correia d'Oliveira mesmo, na maior parte, confesso, dos escritores portugueses *da escola portuguesa*; Camões, mostrando um idealismo puro, um idealismo já superhumano que não se concretisa num amor humano, emfim, num sentimentalismo bem terrestre, Camões já tende sair do que vulgarmente se chama o coração portuguez que tantas vezes me chega a inervar quando leio Ribeiro ou Camilo; com mais forte razão nada tem de propriamente sensual, qualidade que mostra hoje João de Barros que aliás possui um sensualismo humano, digno dum portuguez, não um sensualismo animal, Camões é numa palavra um puro idealista, nos limiares está do espiritualismo, da transcendencia, e sem duvida os passou já, entre outros, Antéro e Columbano que depois de Schumann, são sem duvida, os maiores genios do Espírito Puro!

Como muitos espiritualistas esses artistas não acentuam tão bem numa profunda divagação a Vertigem Espiritual, ela existe na sua alma, não na sua obra mas mais plasticíveis são do que os scandinavos, do que Ibsen por exemplo. Na obra de Antéro e sobretudo na de Columbano o Espírito é latente, presente-se, não se exprime em toda a sua vida transcendental, mas mostra já bastante a sua plasticidade, não mostra dureza e é isto que torna os nossos espiritualistas mais expressivos do que os doutros povos nordicos. Preciso apresentar os ultimos traços do Espírito e por isso primeiro compararei as obras de Columbano,

Dürer e Beethoven e depois direi as minhas ultimas palavras sobre o genio de Schumann que eu escolhi para centro deste estudo por o reconhecer como o maior espiritualista, como o maior esteta do Espírito!

Apesar de em Columbano não haver a Vertigem que melhor se acentua posto que ainda muito incompletamente em Schumann, não resta duvida que não ha nele o que os francezes chamam «raideur». Ha longos traços, treços verdadeiramente tragicos como os dos pintores impressionistas que porém, possuem um tragicismo inexpressivo, efémero, não o tragicismo precursor do Espírito, que todo o faz presentir, mas esses traços bem acentuados como os da caricatura não existem por si ó posto que dominem. A par deles existe na obra do nosso genial pintor uma certa maleabilidade que deixa sempre reconhecer a vida. As suas figuras teem um aspecto hirto como convem ao aspecto tragico mas isto não leva á existencia quasi exclusiva da reta nem provoca dureza. Não, a pintura de Columbano nada tem de primitiva e se o espírito não é sentido, é porém, perfeitamente sentido em toda a sua essencia divagativa, dinamica, plasticível! As contrações anciosas, duma ancia intima, não absolutamente expansiva latente, não virtiginosamente acentuada, essas contrações expressivas das figuras de Columbano apesar de exprimirem uma ancia apenas latente, teem vida, a vida que um trágico espiritualista quando concentrando a sua ancia, no semblante apresenta. Não ha «raideur», ha plasticidade posto que haja mais uma vida latente do que uma vida vigorosamente acentuada numa expansão forte do Espírito.

Ora, nada disto se dá em Dürer! Este grande pintor alemão possui uma profundeza grande mas possui também a implasticidade alemã. E' complexa a sua obra, muito mais complexa do que a de Columbano, é este um caráter alemão, eu já o disse, mas essa complexidade além de caótica é dura, não possui maleabilidade nenhuma, nenhum espírito divagativo. Os nossos espiritualistas como os scandinavos não sentem a necessidade de acentuar toda a vertigem do Espírito, toda a sua complexidade, teem mais Espírito do que os alemães espiritualistas excetuando Schumann que por isso mesmo é, relativamente, um dos alemães nordicos menos complexos, e por isso as nossas obras espiritualistas são relativamente pouco complexas e por isso mesmo, não possuindo os seus autôres tantas dificuldades a vencer como os alemães, podem possuir uma plasticidade maior que o clima bem auxilia também. Dürer posto que não seja um verdadeiro espiritualista é mais do que Kaulbach e em geral os pintores prussianos e mais ainda do que Holbein e Zeitblom, mas não tem plas-

tecidade. E não é também um verdadeiro espiritualista. A sua pintura não possui para isso a nobreza necessaria e é essa nobreza possuida por Columbano que eu agora preciso accentuar como sendo um carácter dominante no Espirito. Falei já nela mas ainda não a accentuei, ainda não estudei convenientemente o seu fundamento. Enquanto que as figuras de Dürer não possuem distincção nenhuma, são até muitas vezes «trapues», as de Columbano são nobres. O que exprime isso? Vou dizer-vos.

(Continúa).

Sousa Leal.



PORTUGAL

Encontra-se novamente no Porto o professor Carlos de Mesquita. Deu um concerto com composições suas no dia 2 do corrente mez.

*
**

A direcção da *Academia de Amadores* resolveu adoptar para os seus cursos os methodos do Conservatorio.

As aulas começam amanhã e serão nocturnas, como de costume.

*
**

A casa editora Pabst, de Leipzig, publicou ha pouco as ultimas composições pianisticas de Luiz de Freitas Branco, com o titulo de *Mirages*.

São dois numeros recommendaveis, e que, tanto pela novidade e arrojo da forma como pela concepção devéras elevada, determinam definitivamente as tendencias estheticas e o *modus faciendi* do nosso joven compositor. Ha-de causar extranhese o primeiro d'esses numeros; n'um paiz como este, em que os nomes de Debussy, Ravel, Schmitt, Samazeuilh e outros novos, são quasi tão desconhecidos, como a sua musica é execrada, por *parti-pris*, e antes mesmo de se ouvir a primeira das *Mirages* peccará por falta de nexo e de grammatica. Não se levará em conta o sentido descriptivo da obra, a nota vaga e etherea que o seu autor lhe quiz propositada-

mente imprimir, o pequenino programma que essas duas paginas consubstanciam, a deducção philosophica que d'essa meia duzia de notas pode resaltar. Bagatellas são essas em que se não pode ou se não quer pensar. O certo é que as harmonias são asperas e absolutamente contrarias aos dictames do Reicha e d'outros padres-mestres da harmonia *official*; e tanto basta para que se não admittam senão como uma extravagancia musical, que poucos comprehenderão e que a maioria ha-de censurar.

Sem nos querermos deter no que possa haver de interessante para Freitas Branco na censura que prevemos, apressamo-nos em elogiá-lo muito particularmente a segunda *Mirage*. Francamente, ainda a preferimos á primeira. Os moldes são igualmente debussyanos, a harmonia por vezes arrojadissima; mas a clareza, a emoção, a frescura, o perfume novo de certas passagens, são outros tantos motivos d'essa preferencia, que supomos será compartilhada por todos os que de boa fé examinarem a obra do talentoso moço. Apesar da dissemilhaça dos processos, impressiona-nos tanto este numero como o famoso preludio *dos accordes*, de Chopin; sentimos com uma e outra peça, o mesmo genero de emoção e dão-nos a mesma nota de mysticismo e de grandeza.

Em resumo, as duas ultimas composições do novel artista portuguez merecem ser estudadas e largamente conhecidas.

*
**

E' sabido que o Governo determinou a extincção das bandas militares em todo o paiz, ficando apenas um numero limitado em Lisboa, Porto e poucas cidades mais. Esta deliberação, que tem causado, como pode supôr-se, a peor das impressões, deu logar a protestos mais ou menos vehementes, parecendo ficar assente por fim que o assumpto fosse tratado na proxima sessão parlamentar.

A *Associação de classe dos Musicos Portuguezes* resolveu, em uma das suas ultimas assembleias, representar aos poderes publicos, sollicitando que tão antipatica medida não seja posta em vigor.

*
**

No theatro Aguia d'Ouro, do Porto, debutaram ha pouco duas distintas amadoras de canto, as snr.^{as} D. Helena Guichard e D. Dalila Loureiro, talentosas discipulas de Sola Conde.

A peça de estreia foi *As Borboletas* de Hirschman, graciosa operetta em que as distinctas cantoras obtiveram todos os sufragios.

Na opinião dos criticos do norte, está re-

servado um bello futuro artistico ás duas gen-
tis estreiantes.

*
**

Em março ou abril do proximo anno, virá
a Lisboa uma grande orchestra belga, que
dará quatro concertos no theatro da Repu-
blica.

*
**

Está justo o casamento do talentoso e con-
siderado pianista, D. Pedro Blanco, com a snr.a
D. Clementina de Passos Nogueira.

*
**

Vae ser reorganizada a banda do regimento de
infantaria 20, que está aquarteláda, como se
sabe, em Guimarães.

*
**

Em 24 d'este mez realisou-se no Conservato-
rio a sessão solemne para a abertura das au-
las e distribuição de premios aos alumnos que
mais se distinguiram no passado anno le-
tivo.

A sessão effectuou-se na sala do Conselho
sendo presidida pelo sr. Francisco Bahia, il-
lustre director interino da Escola de Musica.

ESTRANGEIRO

A casa *Universal Edition* de Vienna acaba
de publicar um primeiro volume de antigas
arias italianas, com o titulo de *Isori Album*.
E' um *recueil* de notaveis peças, que fazem
parte do repertorio da notabilissima cantora
de concertos, Ida Isori, cujo retrato se ostenta
no principio do volume.

A tradução allemã do texto é feita pelo emi-
nente musicologo R. Batka do Conservatorio
Imperial de Vienna.

*
**

Do illustre compositor brasileiro, João Schwar-
arz Filho, recebemos mais tres composições
que devem interessar ao mais alto ponto os
nossos pianistas.

São um capricho com o titulo de *Pyrilam-
pos*, uma brilhante fantasia *No cume do Cor-
covado* e uma dolente melodia *Cecy e Pery*,
todas pertencentes ao *Album do Brazil*, a que
já aqui alludimos.

João Schwarz, com estas suas composições
de tão acentuada côr local, descobre-nos um
precioso recanto do *folk-lore* brasileiro, que
entre nós é ainda tão pouco conhecido; quando
não tivessem senão essa qualidade, seriam para
nós já extremamente interessantes.

Agradecemos pois muito sinceramente ao
distincto compositor brasileiro o seu mimoso
offerecimento.

*
**

Como tinhamos annunciado representou-se
agora em Londres e nova opera de Leonca-
vallo, *Gli zingari*.

Os direitos de representação d'esta obra su-
biram a 100:000 francos. A obra dura uma
hora e dez minutos; a musica como o titulo
parece-se com *Os palhaços*.

Os dois papeis principaes são cantados por
mademoselle Rinalda Pavoni e M. Carona,
ambos artistas do *Scala* de Milão.

Dirigia a orchestra o auctor. *Gli zingari* fi-
guram no elenco para a proxima época no
theatro lyrico de Milão.

*
**

A opera de Charlottenbourg (Berlin) rea-
brirá no proximo mez de novembro com uma
representação do *Fidelio*.

*
**

As *Goyescas* de Granados, compositor es-
panhol moderno, tem despertado um verda-
deiro entusiasmo nos meios musicaes cultos.
Granados, que é futurista declarado, não hesita
deante das audacias pianisticas de um Liszt
ou harmonicas de um Ravel.

*
**

Acaba de apparecer o primeiro volume de
um trabalho importantissimo; *a obra com-
pleta de Bach* para orgão, (Schirmer, editor)
publicadas por Widor e Schweitzer.

*
**

Estão organizados seis concertos de musica
franceza moderna em Berlin. Realisar-se-hão
na sala do Conservatorio Real com o concurso
dos concertos Loevenson. Compreenderão obras
de: Aubert, Bumeau, Chausson, Chevillard,
Coquard, Debussy, Dubois, Duparc, Ducasse,
Dukas, Dupin, Dupont, Fauré, Grovlez, Hahn,
Huré, d'Indy, Inghelbrecht, Kœchlin, Piernè,
Ravel, Ropartz, Roussel, Sachs, Saint-Saëns,
Schmitt, Séverac e Widor.

*
**

O professor Znayai Khan acaba de chegar a
Londres com um grupo de quatro indios to-
cadores de: *dilvuba, sitar, tablá e vina*.

O ultimo destes instrumentos passa por
ser o mais antigo do mundo, e, para chegar

a tocalo são necessarios muitos annos de estudo.

*
**

Depois da sua *Ariana em Naxos* Ricardo Strauss pensa num bailado em collaboraçãõ com Hoffmannsthal e Nefler.

*
**

O regente Cartolezio, recentemente contratado por tres annos para a Opera de Covent Garden, acaba de rescindir o contrato para se dedicar exclusivamente á Kurfürstenoper de Berlim.

*
**

No intuito de tornar ainda melhor a parte musical das cerimoniaes religiosas na Alemanha, o ministro da Instrucção Publica decidiu que as parochias bastante importantes para possuir um organista ou director de córos escolham um de entre os antigos alur nos do *Instituto de Musica Religiosa* de Berlim, ou pelo menos um artista munido de diplomas officiaes.

*
**

O pianista Harold Bauer receberá brevemente a medalha de ouro da *Sociedade Philharmonica* de Londres.

*
**

As cadeias do Amor, nova opera de Eugène d'Albert deve ser representada no fim do corrente mez, simultaneamente em Dresde e em Vienna. Na mesma epocha vae ser ouvida em Munich a musica de scena da peça o *Escravo de Rhodes*, do mesmo compositor.

*
**

Em homenagem á memoria do maestro Massenet, a Opera-Comica ds Paris abriu a epocha este anno com a *Manon*. Seguiram-se lhe os seguintes espectaculos: *Lakmé*, *Le Devin du Village*, *Le Roi d'Ys*, *Madame Butterfly*, *Tosca* e *Traviata*; os ultimos com a notavel cantora Mary Garden em quem a critica notou uns certos exageros de interpretação.

*
**

Está annunciado para 9 de novembro um concerto de musica shakespeareana e dos seculos XVII e XVIII na Aeolian Hall de Londres. A receita liquida reverterá á favor do *Shakespearian Memorial Fund*.

A attracção do programma será o concerto de Bach para tres cravos e cordas executado

em dois cravos de Kirkman datados de 1775 e 1789, e num Shudi and Broadwood de 1782.

*
**

Num recente concerto Kreisler-Busoni, em Londres, executaram os dois artistas uma *sonata* de Busoni um pouco longa, o *Trillo do diabo* de Tartini e uma transcripção pouco feliz da celebre *Cavatina* do quarteto, em *mi bemol*, de Beethoven. A sólo, admiravelmente: Kreisler numa *Partita* de Bach e Busoni no *Prélude, Choral et Fugue* de Franck.

*
**

Inventou-se recentemente uma machina destinada a supprimir os exercicios de virtuosidade. Esta machina engenhosa, torna flexiveis as articulações e desenvolve os musculos da mão.

*
**

M. Raoul Gunsbourg annuncia para esta epocha na opera de Monte Carlo, a *première* do drama lyrico de Fauré, *Pénélope*.

*
**

As novidades da proxima epocha no theatro da *Monnaie* de Bruxellas serão: *Les Enfants Rois*, de Humperdinck; *La fille du Far West*; *Kuatje*, de Buffin; *Le chant de la cloche*, arranjado para a scena: *Roma*; e de Saint-Saëns: *Proserpina*.

*
**

Os *Concertos Philharmonicos*, de Berlim, darão este anno, sob a costumada regencia de Arthur Nikisch as seguintes novidades: *Ouverture para um drama*, de Wolfgang Komgold; *Ouverture de Carnaval*, de M. W Branefelds; *Ouverture de um torneio na Gasconha*, de Ricaard Mandl; *Scherzo du Rainha Mab*, de J. Holbrooke; *Max e Moritz* (peça burlesca), de M. G. Marzek; *Symphonia Posthuma*, de W. Berger.

*
**

Não faltará musica esta epocha em Berlim! A agencia de concertos Emil Gutmann annuncia uma notavel série de concertos e de festivaes: Concerto de abertura da estação na *Philharmonie* sob a direcção de W. Mengelberg com o cantor Leo Slezak. Cyclo Beethoven (4 concertos symphonicos) sob a direcção de Weingartner em Furstenwalde, 6 concertos symphonicos classicos e modernos sob a direcção de Oscar Fried. 4 Concertos Symphonicos sob a direcção de Ferruccio Busoni, um

Festival Bruckner e mais uma série de concertos em forma de festivales para terminar a estação, na primavera de 1913.

**

A sociedade Haendel de Paris dará este anno o seu primeiro concerto a 6 de Dezembro. Executar-se-hão obras de: Haendel, Hasse, Locatelli, Graupner e Schütz.

**

Hugo von Hofmannsthal publica um artigo dirigido ao publico francez. Diz que, se fizeram alterações no texto original para fornecer o *libretto* da *Ariana em Naxos* ao seu collaborador Ricardo Strauss, foi porque a isso se achou auctorizado pela eterna actualidade do personagem principal do *Bourgeois Gentilhomme*, a genial comedia de Molière.

**

La Sorcière, novo drama lyrico de Camille d'Erlanger extrahido da *Feiticeira* de Sardou, que estava annunciado para a primavera passada na Opera-Comica em Paris não podendo ser representado nessa occasião por falta de tempo, vae subir á scena muito brevemente. Com esta novidade apparecerão varias obras primas do passado; falla-se no *Fidelio* de Beethoven com Melle Lubin e o barytono Boulogne.

**

A opera *Conchita* de Zandonai, cuja premiere noticiamos, representou-se mais em S. Francisco e em Santiago do Chile.

**

Annuncia-se de Nova-York o casamento do barytono Scotti com a linda actriz norte-americana *miss* Charlotte Ives.

**

Consta que o conhecido regente Camille Chevillard vae executar *em concerio* uma opera de Rimsky-Korsakoff ainda desconhecida fóra da Russia.

**

O compositor Szudolsky terminou uma opera intitulada: *Gaivotas*, sobre uma novella de Gorki.

**

O excellente quartetto Rosé que todos os annos se faz ouvir em Madrid executará este

anno em cyclo todos os quartettos de Beethoven.

**

L'amour au faubourg, primeira parte da *trilogia* de Charpentier, cujas duas seguintes se intitulam *Comédiantes* e *Tragédiantes*, deve subir á scena este anno na Opera-Comica de Paris.

**

Os biographos do compositor inglez William Vincent Wallace e os dictionarios de musica, davam como data do seu nascimento: 1 de julho de 1814. Dr. Gratian Flood auctor de *a memoir of Vincent Wallace*, acaba de descobrir que a dada verdadeira é: 11 de março de 1812.

**

Entre outras executar-se-hão n'esta epocha em Sheffield nos *Promenade Concerts* do Albert Hall obras de Strauss (*Morte e Transfiguração*) Wagner, Saint-Saëns, Schumann, Brahms, Elgar e Balfour Gardiner. Regente: J. A. Rodgers.



Falleceu o notavel pianista hespanhol Malats, artista ainda novo e cujas grandes qualidades aqui pudémos apreciar em 1904.

**

Quasi repentinamente falleceu o compositor e professor inglez Samuel Coleridge Taylor auctor de uma *Trilogia*: *Hiawatha*, de numerosas obras de musica de camara, canto e piano, uma *synphonia*, um concerto de violino etc-

**

Na madrugada de 7 de Setembro finou-se na sua casa da Via Colli 16, em Turim, a grande cantora Antoinette Fricci ultimamente quasi esquecida, a ponto de ter que ensinar canto para viver.

A Fricci esteve em Lisboa cantando em S. Carlos por três vezes: em 1861, 1876 e 1879.